



MULHERES NA ARTE: AMPLIANDO REFERÊNCIAS DA HISTÓRIA PARA O ENSINO DA ARTE

Julia Rocha¹ – UFES
Margarete Sacht Góes² – UFES
Helena Pereira Barbosa³ – UFES

Resumo

O presente trabalho reflete sobre questões de gênero na história e no ensino da arte, partindo de pesquisa realizada no âmbito do Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo. Com o objetivo de difundir as ações desenvolvidas nos projetos realizados pelo Núcleo criou-se a plataforma de comunicação na qual semanalmente publicam-se trabalhos de artistas presentes no acervo da biblioteca do NAVEES. Ao identificar a menor representação de mulheres artistas nestes materiais a coluna passou a ter um recorte específico, voltado para a valorização do trabalho de artistas do gênero feminino. Ancoradas na discussão do discurso decolonial e de gênero, este texto passa por discussões de Amaral (2019), Carvalho; Moreschi; Pereira (2019), Dias (2005) Fernández-Cao (2008), Hooks (2013), Moura (2017) Rago (2004) e Saffioti (2011), visando questionar a falta de representação das mulheres nos livros de arte e a propor uma arte/educação dentro de uma perspectiva feminista.

Palavras-chave: História da Arte. Decolonialidade. Gênero.

História sem letra maiúscula e no feminino

“Os livros de história da arte não apresentam as mulheres”, “A história da arte é contada pelos homens”, “Mulher só entra em Museu se estiver representada nua”, foram algumas das frases que recorrentemente ouvimos sendo proferidas enquanto professoras e

¹ Julia Rocha é Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto, Mestre em Artes e Educação pela Universidade Estadual Paulista e Licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Realiza pesquisa sobre o ensino da arte na contemporaneidade, mediação cultural, relações entre museus e escolas, avaliação de propostas educativas no campo das artes visuais e formação de professores. Coordena o Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo - NAVEES - e o Grupo de Pesquisa Entre - Educação e arte contemporânea. pjuliarocha@gmail.com

² Margarete Sacht Góes é Doutora em Educação, Mestre em Educação na linha de pesquisa Educação e Linguagens, Licenciada em Educação Artística e Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino da Arte na Educação infantil (GEPAEI) e realiza pesquisas locais e nacionais sobre o ensino da Arte para esse segmento da Educação Básica, além de produzir materiais educativos e teóricos que contribuem para a formação inicial e continuada de professores. magsacht@gmail.com

³ Helena Pereira Barboza é estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista do edital Projetos Especiais de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão, atuando entre 2018 e 2019 no Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo - NAVEES. helena.pbarboza@gmail.com



estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais. A certeza de que o campo da história da arte não abarcava um local de discussão aberto, mas sim excludente, masculino, europeu e norte-americano conquistou espaço de debate e provocou a criação de um exercício de pesquisa que visa recontar esta história.

A reelaboração do processo narrativo de documentação artística passou a ser feita como parte do projeto de extensão “Interfaces do Ensino da Arte”, realizado no âmbito do Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo - NAVEES da Universidade Federal do Espírito Santo, com a necessidade de repensar a história da arte, desfazendo-se de suas letras maiúsculas que se associam a uma única história, de uma única arte. No lugar disso, busca-se construir um discurso mais plural, que pense em histórias das artes, produzidas pelos mais variados sujeitos, nos mais diferentes contextos e das mais distintas formas.

Para tal, foi analisada a coluna “Terça da arte”, que semanalmente apresenta mulheres artistas que fazem parte da coleção de livros da biblioteca do NAVEES. A ação nasceu como forma de divulgar os volumes disponíveis para empréstimo, mas refez-se como exercício de pesquisa para a promoção do trabalho de mulheres que produzem no campo da arte, seja no decorrer da história passada ou afinada com as questões postas pela contemporaneidade.

A reflexão elaborada no texto se alinha com as discussões de decolonialidade, educação feminista e questões de gênero que têm sido elaboradas no campo da arte e da arte/educação. A ampliação das discussões no campo teórico encontra aqui reverberações em ações práticas de revisão da literatura até então difundida, partindo de um acervo universitário como amostra da premissa que estamos defendendo: onde estão as mulheres artistas?

Rever a história

A pesquisa “A HISTÓRIA DA _RTE”, realizada por Ananda Carvalho, Bruno Moreschi e Gabriel Pereira (2019) analisaram onze livros de história da arte utilizados em cursos de graduação de Artes Visuais no Brasil, visando refletir quantitativa e qualitativamente sobre as lacunas que estes volumes apresentam na documentação. Partindo de uma perspectiva das novas leituras para a história da arte e ancorando-se a partir de um ponto de vista dos estudos pós-coloniais, os pesquisadores registraram dados alarmantes no que diz respeito a representatividade de grupos não dominadores nestes livros.

Como resultado inicial, Carvalho; Moreschi; Pereira (2019, p. 3) chegaram a conclusão de que a história da arte é “[...] uma área das ciências humanas em que se constrói uma narrativa



sobre a criação de objetos e experiências realizados, em sua maioria, por homens, brancos, europeus e estadunidenses (alguns, gênios)”. Dentre os dados da pesquisa, Carvalho; Moreschi; Pereira (2019, p. 3-4) apresentam que: “De um total de 2.443 artistas, apenas 215 (8,8%) são mulheres, 22 são negras e negros (0,9%), 645 são não europeus – e, desses, apenas 246 são não estadunidenses. Em relação as técnicas utilizadas, 1.567 artistas são pintores (64,10%)”. Ainda que, no presente artigo, o recorte dê mais ênfase para a (falta de) representatividade de mulheres no campo da história da arte, cabe ressaltar os demais dados que foram acusados pela pesquisa, “[...] Com esses e outros resultados encontrados, o projeto preenche uma lacuna nos estudos que problematizam a História da Arte oficial ao mensurar de fato o tamanho da exclusão presente na bibliografia do campo”.

Diante desses dados e da necessidade urgente de revisar as referências que envolvem o campo da história da arte e do ensino da arte, propõe-se esta reflexão e a análise da estratégia que tem sido elaborada dentro do projeto de extensão. A proposta de reformulação do recorte de gênero que o campo da arte aborda se faz necessário por conta do longo processo de silenciamento que as mulheres sofreram no decorrer da história. Marián López Fernández-Cao (2008, p. 72) lista aspectos que precisam ser revistos neste campo:

Para isso, dentro da história da arte pretende: revisar o modo como se representou a mulher na história; estudar como tem variado esse mero “simbólico”, que características icônicas, iconográficas, iconológicas, retóricas, simbólicas vem sendo tomadas; reconhecer estereótipos, clichês, arquétipos na figuração feminina; encontrar e fazer patentes as criações feminina; oferecer às próximas gerações uma história da arte menos individualista, etnocêntrica e androcêntrica; oferecer um nova maneira de construir uma biografia de artista como modelo; e analisar a maneira pela qual se escreveu sobre a vida das artistas.

A reconfiguração da história da arte busca, para além da ampliação em relação aos aspectos geográficos e étnicos, dar conta também de uma atualização das referências focando nas questões de gênero, desenvolvendo cada um desses pontos descritos por Fernández-Cao (2008). Para tal, serão analisadas individualmente estas sugestões de revisão do recorte limitado que a história da arte registra. O primeiro ponto mencionado pela autora diz respeito a necessidade de revisar as menções de artistas mulheres e iniciar por uma mudança no modo como se representou a mulher na história. Relegada a segundo plano e abrigada na autoria dos grandes nomes da história antropocêntrica, dentro do campo da arte, nas imagens as mulheres são recorrentemente sexualizadas e representadas de maneira voyerística e fetichizada.



As Guerrilla Girls - coletivo feminista de artistas ativistas - apresentam desde 1985 ações e cartazes de denúncias sobre a maneira como as mulheres são representadas nas obras de arte, apresentando estatísticas sobre o percentual de artistas mulheres nos acervos das instituições museológicas em oposição ao número de imagens que apresentam o corpo feminino nu. A primeira contagem desta natureza foi realizada na coleção do Museu Metropolitan, de Nova York, e uma versão atualizada da mesma foi apresentada na exposição do Museu de Arte de São Paulo, ocorrida entre 2017 e 2018.

O projeto realizado por Carvalho; Moreschi; Pereira (2019) também analisou o quantitativo de imagens que são apresentadas nos 11 livros de história da arte observados para a pesquisa. Nestes, contabilizou-se 5.516 imagens no total, nas quais identificou-se a lamentável marca de um total de 1.060 imagens que possuem pelo menos uma figura feminina, agravando a situação pelo fato de que 44,3% delas estão nuas ou seminuas.

Outras denúncias de cunho feminista são apresentadas em outras edições de cartazes das Guerrilla Girls: acusando curadores que não selecionam artistas mulheres para suas exposições, galerias de arte que não as representam ou frases de impacto como estas dos museus manifestando a objetificação das mulheres em outras indústrias culturais. Este coletivo foi aqui apresentado como referência, contudo contemporaneamente inúmeras artistas mulheres têm produzido e discutido questões relevantes para o universo feminino, tais como Ana Mendieta, Cindy Sherman, Louise Bourgeois e Bárbara Wagner.

Em relação ao trabalho dessas artistas podemos retomar os pontos citados por Fernández-Cao (2008), que afirma a importância de se estudar como tem variado o simbólico do feminino, olhando que icônicas, iconográficas, iconológicas, retóricas e simbólicas vêm sendo tomadas como temática. A este respeito menciona-se a prática de artistas mulheres em sua produção, ressignificando os pensamentos estereotipados que envolvem a caracterização do feminino. Essa questão desdobra-se no ponto seguinte mencionado pela autora, da necessidade de reconhecer estereótipos, clichês e arquétipos na figuração feminina.

Uma das lutas travadas pelo movimento feminista tem sido desfazer-se dos arquétipos idealizados e rasos que se constroem sobre a figura da mulher. A arte tem sido ao longo da história uma forma de reforçar os ideais de delicadeza e sensualidade das mulheres, sobretudo pelos índices indicados pela produção das Guerrilla Girls e pela pesquisa de Carvalho; Moreschi; Pereira (2019). Contemporaneamente, tem-se buscado ampliar a ideia que envolve o feminino, desfazendo-se dos estereótipos e clichês. Para Fernández-Cao (2008, p. 74) “[...] É



essencial desconstruir esse olhar de poder, esse olhar discriminatório, que se opõe a nós mesmas e nós mesmos”.

A busca pela revisão da história da arte ampliando o discurso colonialista desenvolvido é também um resultado das lutas travadas no movimento feminista. A ampliação de narrativas almejada busca ressignificar a história construída, alterando, de maneira crítica e contundente, a narrativa até então elaborada. De acordo com Margareth Rago (2004, p. 13) o feminismo tem uma função social e política “por seu potencial profundamente subversivo, desestabilizador, crítico, intempestivo, assim como pela vontade que manifesta de tornar o mundo mais humano, livre e solidário, seguramente não apenas para as mulheres”.

Dando sequência à discussão iniciada com a listagem de Fernández-Cao (2008), nesta conquista por outras fontes que recontem e ampliem a narrativa histórica, é preciso também oferecer às próximas gerações uma história da arte menos etnocêntrica e androcêntrica. Correntes decoloniais de pensamento têm problematizado o recorte limitado que construímos no decorrer das formações, limitando-nos a autores - assim como os artistas mencionados nos livros de história da arte - do sexo masculino, brancos, europeus e norte-americanos. Saffioti (2015), ao discutir gênero e ideologia, ressalta que na sociedade brasileira “[...] Há uma estrutura de poder que unifica as três ordens – *de gênero, de raça/etnia e de classe social* –, embora as análises tendam a separá-las” (SAFFIOTI, 2015, p. 134). Nessa perspectiva, ela conclui que estes elementos são acionados em cada lugar e de acordo com as circunstâncias.

Hooks (2013, p. 152) também se compromete com o movimento feminista e da mulher negra de uma maneira bem singular, destacando que, como ativista feminista deseja participar da “[...] reformulação da política teórica desse movimento para que a questão do gênero seja levada em conta e a luta feminista pelo fim do sexismo seja considerada um elemento necessário do nosso programa revolucionário”.

Essa questão é agravada quando mencionamos a formação de arte/educadores, que duplamente invisibilizam autores, tanto no campo da arte, quanto no campo da educação. O mesmo acontece no campo de trabalho, porque enquanto vemos prioritariamente professoras mulheres atuando no campo da educação básica, identificamos ainda um quadro muito masculino quando percebemos o quadro docente do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. O espaço das mulheres parece ainda reservado ao campo da educação básica, reiterando a limitação de visibilidade do trabalho feminino e definindo o espaço de ocupação deste gênero dentro do mercado de trabalho e, dentro do campo da arte, muitas vezes



dicotomizando “Arte” (com maiúscula) como sendo essencialmente masculina e arte popular como, naturalmente feminina, associando-a então, à subalternidade (FERNÁNDEZ-CAO, 2008, p. 82).

Pensando especificamente no campo da arte e da formação na área, Eduardo Moura (2017, p. 24) metaforiza movimentos do modernismo, “Devo a essa formadora todo o conhecimento dos preciosos “ismos” - classicismo, neoclassicismo, romantismo, realismo, impressionismo, expressionismo, simbolismo, fovismo, cubismo, surrealismo, dadaísmo etc. - da história da Arte europeia que construí”, reforçando sua importância, mas questionando a existência de outros “ismos” silenciados. O autor continua, afirmando sobre o “[...] desconhecimento sobre outras histórias, de outras Artes e de outros “ismos” silenciados e socialmente visibilizadores das realidades latino-americanas: colonialismo, patriarcalismo, machismo, racismo, escravismo”.

As práticas de colonialismo, patriarcalismo, machismo e racismo são ainda recorrentemente percebidas na formação de arte/educadores. Moura (2017, p. 24) continua, inferindo que mais inquietações surgiram durante sua inserção na docência em arte na educação básica, devido a percepção de que a universidade o havia formado para ensinar arte europeia e estadunidense. A ampliação das referências não se restringe, portanto, às questões de gênero aqui analisadas por conta do objeto que será inframencionado, mas devem expandir-se na reparação dos demais “ismos” referidos pelo autor.

Parte do exercício de redefinir esta história da arte diz respeito ao uso de referências, ampliando os exemplos e as leituras para incluir também o discurso de mulheres. Mas para além da sua inserção, é preciso rever a forma como se aborda a história destas, sem recorrer em aspectos biográficos que se sobressaiam a sua produção como tal. Fernández-Cao (2008) menciona a necessidade de oferecer um nova maneira de construir uma biografia de artista como modelo, além de reforçar a relevância de analisar a maneira pela qual se escreveu sobre a vida das artistas. Nesse sentido, a autora (2008, p. 85) afirma que não se deve falar da mulher de maneira generalista e universalista, pois cada uma é individual, “Cada qual com um emaranhado de experiências, geografias, anos vividos e desejos realizados, histórias fracassadas e sonhos por se realizar. É trabalho nosso começar a respeitar, apreciar, dar visibilidade a essas criações, herdeiras de enredos nos quais palpitam a história silenciada, a memória do corpo, o anseio cotidiano e a vida”.



A unicidade da história de vida de cada mulher encontra eco na sua produção. Por isso, não se deseja incluir mulheres em acervos de museus apenas para cumprir uma cota de acesso, a fim de entrar em uma agenda de discussão que se elabora neste momento. O propósito deve ser o de abrir as coleções para a unicidade que envolve cada uma destas vivências, sem se limitar ao reparo do apagamento histórico.

Em consonância com essa ideia, Maria das Vitórias Negreiros do Amaral (2019, p. 14) afirma a importância de dar voz às histórias das mulheres, lutando contra o apagamento e as mortes simbólicas e reais que foram vividas anteriormente:

As mulheres, como protagonistas de histórias, são omitidas; e no caso brasileiro temos muitos exemplos a retomar. Podemos dizer que nessas histórias de omissão há uma morte, uma morte que ronda as mulheres, seja no apagamento das histórias que elas construíram e que por isso deveriam estar presentes nos livros, mas não estão; ou pelas mortes que ocorrem de fato. De um modo ou de outro, a morte existe, seja simbólica ou real.

O ato de recontar as histórias é primordial para os arte/educadores, sobretudo diante das realidades que enfrentam cotidianamente no contexto das escolas. No âmbito do ensino da arte é necessário rever as fontes a fim de se desfazer da “história única”, referindo-nos à palestra de Chimamanda Ngozi Adichie, abrindo-se para a produção dos artistas no sentido mais amplo possível. Citando Ana Mae Barbosa, Fernández-Cao (2008, p. 73) afirma que as imagens precisam ser observadas. “[...] Segundo Ana Mae Barbosa, se não desenvolvermos um sistema de pensamento não-discursivo ou artístico em nossos alunos, eles não estarão preparados para um conhecimento abrangente de si mesmos e dos outros”.

A menção ao conhecimento abrangente de si mesmo e dos outros remete ao último tópico listado por Fernández-Cao (2008), que diz respeito à necessidade de encontrar e fazer patentes as criações femininas. Para a autora (2008, p. 74) “[...] as imagens de nus femininos necessitam, em muitos casos, de um estudo iconográfico para compreendê-las em sua complexidade e em seu entorno social, religioso e cultural no qual elas foram realizadas”, portanto dar visibilidade para a produção artística feminina foi o ponto de partida para a reflexão estabelecida neste texto, iniciada na identificação da lacuna de artistas mulheres na coleção de livros que possuíamos. No lugar de reiterar a dominação de artistas homens que estão representados nesses volumes, definimos como fonte de investigação as obras de mulheres na arte. E o que inicialmente parecia uma lacuna, constitui-se como objeto de pesquisa para a prática de extensão.



Ampliar e divulgar outras referências: Mulheres na arte

O Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo - NAVEES - atua desde 2011 no âmbito do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo como um espaço dedicado à formação continuada dos professores de artes, à difusão da produção artística capixaba e à integração de processos formativos de estudantes e da comunidade em geral. Mobilizando professores e estudantes, o Núcleo atua como espaço de discussões teórico e metodológicas no campo da arte na educação, articulando projetos de extensão e pesquisa.

Com a perspectiva de divulgação das ações promovidas e realizadas pelo NAVEES, criou-se, a partir da iniciativa de uma estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais e bolsista de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão, um perfil de instagram do Núcleo. O propósito inicial de divulgação dos projetos ampliou-se também para a criação de conteúdos específicos, visando a formação de estudantes, professores, comunidade acadêmica e geral. Esta criação de conteúdo passa pela promoção de espaços expositivos da cidade de Vitória - pensando na formação de públicos e no acesso à arte -, na indicação de perfis de artistas que mobilizam suas produções via plataforma digital e até memes com obras de arte - relacionando-se com questões contemporâneas que envolvem a Universidade, a educação e questões tangenciais aos campos com os quais o NAVEES se relaciona.

Para além das ações internas de pesquisa e externas de extensão, o NAVEES conta também com uma coleção de livros sobre arte, história da arte, educação, filosofia e sociologia, que tornam o espaço físico do Núcleo um ambiente profícuo de formação para estudantes e professores. Com o objetivo específico de divulgar o acervo da biblioteca do NAVEES, criou-se uma coluna semanal de divulgação de volumes da coleção. Ao identificar-se a pouca representatividade de mulheres nos livros de arte e história da arte, em relação ao número de artistas do gênero masculino, decidiu-se que esta seção seria inteiramente dedicada à divulgação e valorização da produção de artistas mulheres.

Todas as terças-feiras, portanto, o perfil do NAVEES apresenta uma ou mais artistas mulheres que estão representadas nos livros da coleção, incluindo imagens de suas obras, um registro espacial e temporal de sua produção, além de uma breve descrição sobre o conjunto de imagens que são apresentadas (Figura 1).



Fig 1. Postagem Terça da Arte - Instagram NAVEES UFES. Fonte: Helena Pereira Barboza.



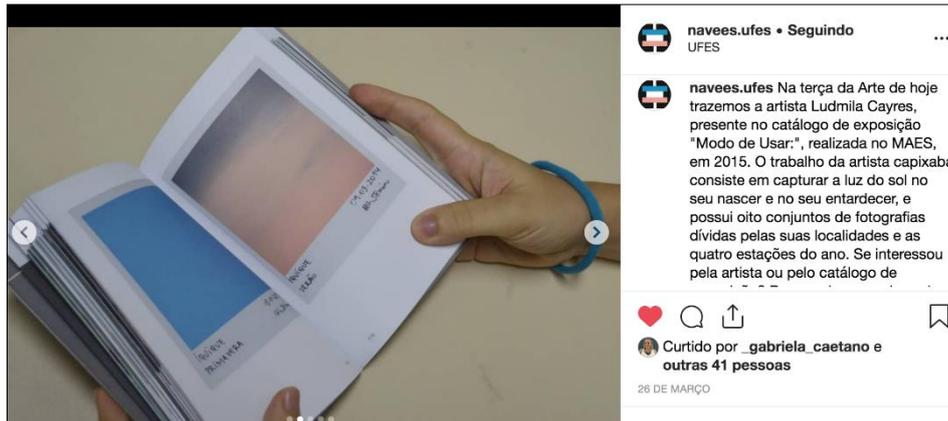
Essa seção do perfil do Núcleo não apenas divulga a coleção de livros que estão disponíveis para a comunidade acadêmica e geral, como também produz material inédito sobre artistas do gênero feminino, dando visibilidade a sua produção e procurando uma interlocução com o público que acompanha as postagens e compartilha o conteúdo criado. A produção do material de postagem também se constitui como um importante vínculo da estudante bolsista com a investigação, apresentando sua autoria na seleção do material que será divulgado, além de promover uma ampliação do seu repertório como arte/educadora em formação.

No decorrer desse processo de postagens, a procura de referências dentre os volumes da biblioteca não foi facilitada pela representação de mulheres. Em alguns dos livros citados identificou-se números semelhantes aos que foram mencionados na pesquisa “A história da arte”, supracitada. Na postagem do trabalho da artista brasileira Mary Vieira, por exemplo, presente no catálogo “Arte moderna”, lançado em 2000 como um registro da Mostra dos 500 anos (outra falácia decolonial da história brasileira) mencionamos que ela era uma das sete artistas mulheres representadas neste livro, enquanto 38 são do sexo masculino.

Ao longo dos nove meses nos quais essa coluna tem sido produzida - desde outubro de 2018 -, publicamos trinta e uma postagens de mulheres na arte, encontrando dificuldade em alguns momentos de identificar exemplos nos catálogos e livros que possuímos na nossa biblioteca. Ainda assim, continuamos na busca por mais exemplos que possam ser citados, além de contarmos continuamente com novas aquisições e doações de livros e catálogos.



Fig. 2 Postagem Terça da Arte - Instagram NAVEES UFES. Fonte: Helena Pereira Barboza.



Interessou-nos também, dialogar com as mulheres artistas capixabas, como foi o caso, dentre outros, da artista Ludmila Cayres, a partir da exposição “Modo de Usar” (Figura 2), realizada no Museu de Arte do Espírito Santo - Dionísio Del Santo (MAES), no ano de 2015, por compreendermos que o processo de decolonialidade perpassa pelo rompimento de alguns processos de produção de conhecimentos que, muitas vezes desconsidera ou deprecia também, a produção artística local. De acordo com Moura (2017, p. 28, grifo nosso),

O pensar decolonial nos processos de produção de conhecimentos trata de romper com os uni-versalismos alienantes e coloca em pauta, pela análise crítica, os binarismos modernos que inundam as academias: norte/ sul, ocidente/oriente, colonizador/colonizado, rico/pobre, cultura/natureza, branco/negro, homem/mulher, ciência/arte. Por outras vias, **trata de pensar co-existências – de mundos, de conhecimentos, de lugares, de povos, de ciências, de artes, de culturas, de pensamentos** – problematizando as hierarquias, legitimando processos anti-hegemônicos, imaginando entrelugares e formas outras de produção de conhecimentos.

Buscamos, então, retirar as máscaras que encobrem e invisibilizam a cultura latino-americana em detrimento de um discurso homogeneizante colonialista, machista, europeu e norte-americano e defendemos, também, a potência da produção artístico-cultural feminista no contexto da arte capixaba, e que se não for analisada cuidadosamente, nos remete a um conceito de inferioridade cultural e étnica.

O resultado desse período de criação da coluna se mostrou produtivo para nosso projeto de extensão, visto que as postagens têm sido reconhecidas pelos estudantes e professores que acompanham o perfil do NAVEES, o que resultou no alcance dos objetivos de criação do projeto: a divulgação dos livros que fazem parte da biblioteca do Núcleo, além de uma



valorização da produção artística feminina. A ação de extensão tem possibilitado a ampliação das discussões decoloniais que têm sido elaboradas no campo do ensino da arte e debatidas nos grupos de estudos que desenvolvemos no Núcleo.

Considerações finais

Diante da reflexão construída em torno da prática de pesquisa realizada, defendemos o desenvolvimento de uma educação feminista que se ancore na ampliação dos recortes conceituais e teóricos, produzindo um olhar para a arte que seja consonante com a pluralidade de sujeitos que encontramos no âmbito escolar. A abertura dos discursos é relevante como pesquisa no espaço de Universidade, com a revisão de lacunas identificadas na formação de professores e estudantes, bem como na educação continuada que os exercícios de extensão proporcionam.

Tal como Amaral (2019, p. 5),

[...] acreditamos que os componentes que integram as práticas de ensino/aprendizagem da arte podem se tornar não apenas um dos vieses que faz o sujeito a se descobrir como cidadã ou cidadão, mas principalmente como um mecanismo que instaura uma possibilidade de fazer emergir na sala de aula (na escola, na comunidade, e assim por diante) uma resistência política e de empoderamento da mulher.

A construção de processos discursivos que incluam as narrativas de mulheres perpassa a necessidade de reavaliar a formação construída anteriormente, revisando histórias únicas que foram continuamente repetidas e que reforçam-se dentro de um conhecimento limitado a uma perspectiva colonialista e sexista, além de “[...] desmistificar a imagem fraudulenta do homem como gênio, rejeitando a universalidade da experiência masculina (DIAS, *apud* BARBOSA, 2005, p. 278). A prática de rever as referências até então escolhidas como fonte deve se tornar usual, ao ponto de que já não se defina este recorte como um nicho, mas sim como geral e comum ao que até então se conhece como a história da arte.

Inferimos, então, que o ensino da arte contemporânea dialoga diretamente com as questões de gênero e, nesse sentido, esses dois temas necessitam ser discutidos com os estudantes nos espaços escolares e público em geral, a partir da perspectiva da igualdade de gênero e de direitos, bem como realizar análises que perpassem pela violência, discriminação e



preconceito contra a mulher, que legitimam uma lógica patriarcal e colonial perversa. E, decolonizar-se exige esforço, ética e responsabilidade.

Referências

AMARAL, Maria das Vitórias Negreiros do. Arte/Educação e feminismo no imaginário pernambucano como resistência política e formação identitária das mulheres. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/94281>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

DIAS, Belidson. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria *queer*. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 277-291

CAO, Marián López Fernández. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae e AMARAL, LÍlian (orgs.). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo e SESC SP, 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

CARVALHO, Ananda; MORESCHI, Bruno; PEREIRA, Gabriel. A história da *_arte*: principais resultados e primeiras ações. Revista do Centro de Pesquisa e Formação. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, nº 8, São Paulo, 2019.

MOURA, Eduardo. Inquietações, decolonialidade e desobediência docente formação inicial de professores/as. **Revista Papeles** Vol. 9(18) pp. 21-33 Julio-diciembre de 2017.

RAGO, Margareth. **Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos**, 2004. Disponível em: <http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Graphium Editora, 2011.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Amazonas - UFAM

C749a Congresso Nacional da Federação de Arte/ Educadores do Brasil (29. : 2019 :
Manaus, AM)

Anais [recurso eletrônico]: 29º Congresso Nacional da Federação de Arte/
Educadores do Brasil [e] 7º Congresso Internacional de Arte/ Educadores:
nortes da resistência: lugares e contextos da arte educação no Brasil / 29º
Congresso Nacional da Federação de Arte/ Educadores do Brasil / comissão
organizadora: Fernando Bueno Catelan, Valter Frank de Mesquita Lopes. –
Manaus: Federação de Arte/Educadores do Brasil, 2019.
2422 p. : il. color.

Modo de acesso: <https://www.faeb.com.br/anais-confaebs/>
ISSN: 2525-880X

1. Arte – Educação e ensino. 2. Arte - Formação de professor. 3. Arte -
Políticas educacionais I. Congresso Internacional da Federação de Arte/
Educadores (7. : 2019 : Manaus, AM). II. Título. III. Série.

Ficha Catalográfica elaborada por Rita Cintia Pinto Vieira - CRB 11/718